

APRESENTAÇÃO

Ex. mo Sr. Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Gondomar,
Ex.mo Sr. Representante da Entidade Patrocinadora
Ex.mo Sr. Presidente do C.D. da Escola Secundária de Gondomar,
Ex.ma Sr^a Representante da Junta de Freguesia de S. Cosme
Caros amigos e colegas

É para mim um grande prazer e uma grande honra estar aqui, entre vós, especialmente entre professores e amigos, para a apresentação desta obra. Aceitei este convite porque partilhei verdadeiramente a alegria do nosso autor em ver os seus escritos em livro e, enquanto sua amiga, também não o poderia recusar. Só por isso a responsabilidade não falou mais alto.

O Manel (permitam-me que o trate assim) pede, no seu livro, que lhe desculpem a sua condição de *checa* enquanto escritor. Eu quero dizer que partilho dessa condição enquanto apresentadora.

Vou falar-vos do romance “*Checa é pior que turra*”, mas sem querer transformar esta sessão nem numa exposição fastidiosa de teoria da literatura, nem tão pouco revelar a história desta narrativa, de tal forma que inviabilizasse toda a descoberta que se quer sempre aliada à leitura por prazer ou às obras que se constituem como literárias.

Sendo assim, optei por desenhar algumas referências ao livro, notas dispersas que me foram surgindo e que resultam apenas de uma experiência de leitura. Que outras leituras diferentes surjam é com certeza o objectivo desta apresentação. Afinal é para ser lido que o texto existe.

Quando soube que o Manel andava a escrever um livro que tinha como cenário a guerra em África, pedi-lhe que mo deixasse ler. E este pedido, confesso, devia-se sobretudo a um certo interesse histórico. A guerra colonial era um tema que nunca havia estudado nem vivido e um reconto, em pessoa, por alguém que eu sabia que tinha participado *in loco* dessa realidade, pareceu-me um bom meio, se calhar, para mim o menos entediante, de colmatar a minha curiosidade. E, nessa altura, não consegui prever o objecto que se estava a construir. Não pensei que o que me ia ser dado a ler fosse mais do que isso, mais do que uma experiência pessoal, historicamente datada.

Antes de tudo, foi o desafio intrigante do título. O que será *checa*? O que será *turra*? Porquê a relação avaliativa de um termo em relação a outro?

Depois, ao ler o livro, eu ia encontrando efectivamente essa dimensão que inicialmente me moveu. Tudo aí estava: um momento histórico descrito,

uma sucessividade factual narrada, relações incarnadas por personagens da intriga, centrais ou não, retratos psicológicos de um meio familiar típico de classe média do Norte de Portugal. Nesse sentido, o livro é portador de referências importantes para a compreensão de um período histórico determinado.

Ele integra-se, e resolve algumas questões decorrentes do que considero ser hiato cultural relativo às pessoas, aos homens que viveram o último período da guerra colonial. Para isso contribuem a sua organização temporal e a sua contextualização sociológica que tornam a ancoragem ficcional da narrativa suficientemente verosímil para que este livro seja pertinente na compreensão do outro lado da guerra.

É o lado dos que a viveram, lá ou cá. Não dos que a mandaram viver. Daqueles que apenas viram partir e, algumas vezes, chegar. Para estes há tão só a angústia das cenas de despedida, os aerogramas, as madrinhas de guerra ou o eco das armadilhas do capim. Para estes, nunca houve as palhotas, a terra barrenta, a época das chuvas, a serra da Gorongosa, o rio Zambeze, o calor, os aldeamentos, o sol insuportável e o outro brilho das estrelas. Ou tão só, a Catarina que não tem um vestido para dançar. E para todos, a guerra não foi uma ficção.

Mas a surpresa não ficou por aí.

A leitura ia avançando e eu ia encontrando uma história com corpo e alma. Quase que poderíamos dizer que, à imagem da capa, a orientação do alvo para Moçambique é historiográfica, mas o movimento inverso, o de propagação, é literário.

Assim, no livro "*Checa é pior que Turra*", a guerra deixa de ser de algum país em especial, embora seja do nosso, a guerra deixa de ser de um momento histórico determinado, embora respeite ao período pré e pós 25 de Abril, para pura e simplesmente não dever ser, nunca, porque aqui ela é a sua caricatura. É um *teatro que, por ser de guerra*, não deveria ter nunca actores e palcos.

É nesse movimento literário que vamos encontrar a história de um soldado que vive a ténue esperança de não partir. Mas, uma missão tinha que ser cumprida e, sobretudo, outra missão tinha que ser sentida e assumida. E, porventura, será nesta obra que tudo isso acaba por se consumir.

A acção passa-se em África e, por acaso, ou talvez não, o seu autor é o Manuel Maria, que, por acaso ou não, aí estava nos últimos anos da guerra colonial. E, nestas circunstâncias, sobressai, mesmo assim, o fascínio por uma terra que, apesar de só em conversas de amigos ter testemunhado, é contagiante.

Há uma passagem do livro que o ilustra bem. A certa altura, diz-se: “*À saída do aparelho, uma lufada quase asfíxiante libertava-se já, àquela hora da manhã, das entranhas daquele solo escaldante de tonalidade barrenta. Era uma sensação estranha e única aquele odor terroso e selvagem que se respirava com todos os poros e começava a fasciná-lo uma inexplicável magia secreta de África.*”(p.23)

Como numa viagem nessa terra, vão-se sucedendo episódios em recantos esquecidos do enorme país que é Moçambique, em lugares perdidos pela guerra. Aí aterram *checas* a quem se dizia, quando chegavam, como me contou um vizinho que: “*Aqui o que mais custa são os primeiros seis meses e os últimos dezoito.* Aí, estão homens que vivem cenas que, se não fossem dramáticas, seriam cómicas, por serem absurdas. São homens que combatem homens, seres humanos que chegam mesmo a trocar alimentos entre si. Homens que se entendem na mesma língua.

As personagens cumprem, assim, o destino de participarem no da plenitude do Homem Universal, na totalidade da terra que é África. Neste sentido, mais do que a guerra, há a vida que teima em a acompanhar. Há a revelação dos heróis - dos heróis deste livro. Os portugueses e os africanos, que numa vida se confundem e que numa vida se partilham. Todos os que voltaram ou não.

Qualquer obra literária é uma escrita do mundo e, como toda a construção de linguagem, este livro é *um signo, um sinal e um sintoma* (Barthes).

Será porventura com livros como este, então, que os portugueses poderão construir outra imagem de África, agora ainda condicionada e parcial. Portugueses e Africanos, após vinte anos e, felizmente, na mesma língua, insisto, têm que tentar aprender a *falar uns dos outros com normalidade*. Este livro é, no contexto da nossa cultura literária, parte dessa tentativa. Falar uns dos outros e uns com os outros, sob pena de nunca se destruírem todos os enganos, equívocos e dissimulações. E para que as saudades também nunca sejam destruídas, mesmo as *saudades mais dolorosas*. É que milhões de portugueses têm uma história que se cruza sempre com África, à semelhança da história do próprio país. É uma relação que não poderão, e portanto, nem poderemos rejeitar nunca.

Um escritor africano, Pepetela, disse que *um livro não serve para nos apontar caminhos, mas para pararmos e reflectirmos*. Efectivamente, o próprio momento de leitura constitui-se como uma paragem, de contacto com um mundo simbólico, que se eleva diante de nós, e que se integra como um sentido coerente e justificado. E como diz também um estudioso da

linguagem, *Bakhtine*, o essencial não está na relação da obra com outras entidades - como o autor, a realidade, os leitores -, mas na relação coerente dos seus próprios elementos.

Estamos, portanto diante de um acto criativo, de um texto que se constitui como um sentido polivalente. Parte, talvez de uma experiência própria, mas liberta-se para dar lugar a outras vivências. Por mérito e inerência desse acto criativo, nesta ficção estarão representados aqueles que cada um de nós quiser, a sua morte ou vida, a sua noite e o dia, a sua sorte e equívoco, o seu alento e a agonia, o frio e o ardor, a solidão e a companhia, ou a sua perdição.

Sartre diz que: “ *Num romance, assim como no mundo d’Einstein, (da ciência) não existe plano para um observador privilegiado*”.

E é isso que nos traz aqui. Como num cruzamento, como um alvo - este livro é o centro, o ponto de mira. A partir daqui, cada um, como leitor privilegiado que é, construirá um *universo compartilhado, lerá a especificidade irrepitível do texto nas suas promessas de revelação e de descoberta, de que a leitura se reclama*. Com cada um de nós vai fechar-se um círculo diferente de propagação literária e só uma obra suficientemente forte permite que cada um encontre o seu próprio livro.

Neste encontramos, sem dúvida, o mundo português. Esse universo também não é ficção.

Se o poderei dizer, é um livro ao estilo do Manel. E permitam-me a citação. Como refere Staiger: “ *Quando estou no bom caminho, quando o meu sentimento não me engana, só encontro concordância a cada passo. Tudo se organiza facilmente. De todos os lados vem apenas: sim! Cada percepção acena em direcção a outra. A interpretação é evidente. É sobre uma tal evidência que repousa a verdade da nossa ciência.*”

É sobre uma tal evidência que se constrói este livro. Uma evidência que vem da simplicidade da representação das relações humanas como elas são. Falando sempre de guerra, pensaremos, talvez, que o livro é uma descrição sucessiva de cenas de confronto, de violência, de destruição. Incrivelmente, não. Ela é uma referência constante, é certo, mas para realçar a dimensão dos afectos, dos sentimentos, a dimensão humana que se torna primordial nesse teatro absurdo e caricatural.

Sartre afirma igualmente que *o romancista não tem o direito de abandonar o terreno de batalha, nem de julgar.*”: O nosso autor não julga, nem abandonou nenhum dos terrenos das diferentes batalhas que aqui se cruzam.

Eu também não quis julgar este obra. Para R. Barthes “ *As obras não se julgam, distinguem-se, separam-se, desdobram-se*”. Também o valor desta está na sua qualidade de objecto diferencial e de objecto único.

Não pretendi também defini-la. É difícil definir e a arte, por definição, não se define. Aprecia-se ou não. Explicita-se ou não.

Daí, como referia, a grande alegria que é para mim estar aqui para a apresentação de um livro, e deste livro especialmente. É que poderá parecer algo de relativamente normal e até familiar - um livro -, mas nunca o será para o seu autor. O livro tem sempre o seu momento de protagonismo, a sua existência própria e é o seu autor que melhor o sabe, é ele que melhor o distingue.

Há ainda outra razão. Muitos de nós, à semelhança do Manel, fazemos do nosso quotidiano a arte de ensinar a ler os outros. Daí, a satisfação de nos podermos rever um pouco nesta obra, naquela ânsia contínua de um dia nos lermos a nós próprios ou de nos darmos a ler.

Por isso, quero enaltecer a persistência do Manuel Maria e congratular-me, não só pelo livro que escreveu, mas sobretudo por o partilhar connosco e ser nosso colega.

A palavra agora é dele.

Muito obrigada

Rio Tinto, 4 de Novembro de 1996
Dulce Raquel Neves

7 de Novembro de 1996